

## Psicologismo e psicologia em Edmund Husserl

### Psychologism and psychology in Edmund Husserl

Prof. Dr. *Sávio Passafaro Peres*  
Universidade Estadual Paulista - UNESP<sup>7</sup>

#### RESUMO

O objetivo deste trabalho é examinar a crítica ao psicologismo de Edmund Husserl para avaliar sua posição no que diz respeito à psicologia empírica. Procurarei mostrar, em primeiro lugar, que Husserl, em *Investigações lógicas*, tem como alvo o psicologismo lógico e uma determinada forma de psicologismo epistemológico. Em segundo lugar, buscarei mostrar que a fundamentação epistemológica da lógica pura, como ciência teórica, implica em uma teoria da subjetividade. Um dos objetivos de Husserl em *Investigações lógicas* é empregar a fenomenologia, entendida como forma peculiar de psicologia descritiva, para elaborar uma nova teoria da subjetividade, por meio de uma análise descritiva das vivências envolvidas na obtenção do conhecimento teórico. Depois irei discutir o lugar que a psicologia empírica passa a ocupar depois da crítica ao psicologismo em *Investigações lógicas*.

#### PALAVRAS CHAVE

Fenomenologia; Husserl; Psicologismo; Psicologia.

#### ABSTRACT

The purpose of this paper is to examine Edmund Husserl's critique of psychologism in order to evaluate his position with regard to empirical psychology. I will try to show, first, that Husserl, in *Logical Investigations*, has as its scope the logical psychologism and a certain form of epistemological psychologism. Second, I will try to show the epistemological foundation of pure logic, as theoretical science, implies a theory of subjectivity. One of Husserl's objectives in *Logical Investigations* is to use phenomenology, understood as a peculiar form of descriptive psychology, to elaborate a new theory of subjectivity by means of a descriptive analysis of the experiences involved in obtaining theoretical knowledge. Then I will discuss the place that empirical psychology comes to occupy after the critique of psychologism in *Logical Investigations*. Keywords: Phenomenology; Husserl, psychologism, psychology.

---

<sup>7</sup> Email: [savioperes@yahoo.com.br](mailto:savioperes@yahoo.com.br)

## KEYWORDS

Phenomenology; Husserl; Psychology; Psychology.

## INTRODUÇÃO

Ao longo deste artigo, irei, em primeiro lugar, mostrar algumas das motivações que levaram Husserl, a partir de *Filosofia da Aritmética*, a construir, em *Investigações lógicas*, sua concepção de lógica pura, como ciência teórica de idealidades. Em segundo lugar, observarei alguns traços essenciais da concepção de Husserl de lógica pura. Em terceiro lugar, buscarei mostrar que a fundamentação epistemológica da lógica pura implica em uma determinada concepção de subjetividade, a qual deve ser descritivamente validada. Em quarto lugar, examinarei tipos de psicologismo, mostrando que estes tipos podem ser distinguidos quanto ao âmbito e quanto à forma de psicologia que se encontra em sua base. Depois, irei mostrar a posição de Husserl frente à psicologia empírica, tanto em *Investigações lógicas*, quanto após a virada transcendental. Defenderei, por fim, que Husserl não rechaça todas as formas de psicologia empírica. Pelo contrário, para ele, a fenomenologia tem como uma de suas funções fornecer a base ontológica para uma construção apropriada da psicologia empírica.

## 1. FILOSOFIA DA ARITMÉTICA E O PSICOLOGISMO

Husserl inicia sua carreira filosófica na segunda metade da década de 1880. Inspirado pelas lições que ele havia tido com Brentano em Viena, ele resolve aplicar o método psicológico-descritivo de seu mestre a fim de clarificar os conceitos fundamentais da aritmética (HUSSERL, 1891). Tratava-se de um tópico bastante discutido na época. O que é a aritmética? Qual a origem de seus conceitos fundamentais? Ela decorre das formas da intuição do tempo, como afirmava Kant? Ou ela pode ser construída de maneira puramente formal, de modo tal que seus juízos nada mais são do que juízos analíticos? Ou teria os conceitos fundamentais da aritmética origem empírica?

Tais problemas eram amplamente debatidos na época, em virtude de uma crise, no final do século XIX, referente aos conceitos fundamentais da geometria e da aritmética. Com o surgimento da teoria dos conjuntos e de geometrias

não euclidianas, a fundamentação epistemológica kantiana da geometria e da aritmética começou também a ser questionada. Isso levou a um debate sobre a natureza da matemática e sua relação com o sujeito epistêmico: o que há de especial na subjetividade humana que a torna apta adquirir conhecimento matemático?

É neste contexto que se compreende a tese do doutorado de habilitação que Husserl realizou sob a supervisão de um discípulo de Brentano, Karl Stumpf, e cujos resultados se encontram em uma obra de 1891, *Filosofia da Aritmética: um estudo lógico e psicológico*. Nesta obra, Husserl buscava clarificar os conceitos fundamentais da aritmética empregando o método psicológico de Brentano. Brentano, contra Kant, não aceitava a ideia de conceitos *a priori*, derivados das categorias do entendimento e das formas da sensibilidade do sujeito transcendental. Para Brentano, todo conceito tem origem empírica, tendo sua gênese na percepção interna ou na percepção externa (STEGMÜLLER, p.30). Ora, se todo conceito tem origem empírica, isso deve ser válido também para os conceitos matemáticos.

Seguindo as linhas básicas da psicologia descritiva brentaniana, Husserl, em *Filosofia da Aritmética*, busca mostrar não só como os

conceitos fundamentais da aritmética nascem da intuição, mas também como a aritmética alcança um nível não intuitivo. Filosofia da Aritmética não teve nenhum impacto significativo na época. Contudo, a obra chamou a atenção de, do grande lógico alemão, Gottlob Frege, o qual escreveu em 1894 uma resenha a criticando duramente. Segundo Frege, Husserl havia errado ao introduzir questões psicológicas no âmbito da aritmética. Em particular, Frege criticava Husserl por ter confundido a representação do número com o próprio número. A representação do número, segundo Frege, é algo subjetivo e tem a origem no sujeito, mas o número é algo objetivo, independente da psique humana. Ou seja, buscar na psique humana a origem do número seria tão absurdo quanto buscar na psicologia a origem dos mares:

Se um geógrafo fosse ler uma obra sobre oceanografia em que a origem dos mares fosse explicada psicologicamente, ele, sem dúvida, teria a impressão de que o próprio ponto da questão tinha sido perdido de uma maneira muito peculiar. Eu tenho a mesma impressão do presente trabalho. Certamente, o mar é algo real e um número não é, mas isso não o impede de ser algo objetivo; e isso é

de grande importância. (FREGE, 1972, p.337)

Para Frege, tanto a aritmética quanto a lógica são ciências objetivas, ciências ideais e não ciências reais, como a psicologia. Em virtude disso, Frege defendia uma nova forma de platonismo, na qual as verdades são independentes da psique. A verdade de um enunciado não depende das contingências factuais sujeito psíquico. Da mesma forma, o sentido de enunciados científicos são entidades objetivas, embora não-sensíveis. Nem tudo o que há pertence à realidade interior (psíquica) ou à realidade exterior (física). Há também um terceiro reino: o das idealidades. Lógica e matemática são ciências teóricas que estudam idealidades e não consistem no objeto de estudo da psicologia.

Em suma, Frege acusava Husserl daquilo que este mais tarde irá denominar de “psicologismo” (*Psychologismus*). Não é por acaso que essa resenha tenha abalado Husserl profundamente, servindo-lhe como impulso para sua adesão a uma determinada forma de platonismo lógico. (PORTA, 2013). É o que podemos observar nas *Investigações Lógicas*, às quais foram publicadas em duas partes, a primeira em 1900 e a segunda em 1901.

## 2. A IDEIA DE UMA LÓGICA PURA COMO CIÊNCIA TEÓRICA

Na primeira parte de *Investigações Lógicas, Prolegômenos para uma lógica pura*<sup>8</sup>, Husserl deixa clara sua mudança de posição com relação à *Filosofia da Aritmética*, publicada em 1891. Logo no início da obra, Husserl afirma que a lógica, assim como a matemática, é uma ciência teórica ideal. Seu objeto não são conteúdos psíquicos ou vivências, mas sim entidades ideais. Seu objetivo é estabelecer leis lógico-ideais sobre estruturas lógico-ideais. Husserl, portanto, distingue duas esferas do

---

<sup>8</sup> A partir daqui, usarei como base, salvo indicação contrária, as edições de 1900, de *Prolegômenos* e de 1901, das seis *Investigações lógicas*, as quais constam respectivamente em Husserl (1975) e Husserl (1984a, 1984b). Usamos a versão de 1900/1901 porque a versão corrigida por Husserl em 1913 ocorre, após a virada transcendental, que se dá em 1906/1907. Na versão de 1913, Husserl busca compatibilizar *Investigações Lógicas* com a fenomenológica tomada como filosofia transcendental. Essas correções dificultam a compreensão do vínculo entre psicologismo lógico, psicologismo epistemológico e psicologia, tal como Husserl havia compreendido na época. Ao empregar a primeira versão da obra, podemos respeitar melhor o desenvolvimento genético evolutivo do pensamento do autor. As traduções de *Investigações lógicas* foram feitas em sintonia, salvo algumas exceções, com a edição portuguesa de *Investigações lógicas* (Husserl, 2012).

ser: a factual e a ideal. Em virtude de sua defesa de uma esfera de ser ideal, podemos afirmar que Husserl adere a uma determinada forma de platonismo lógico. Para Husserl, toda verdade é uma entidade ideal, atemporal, ainda que ela possa se referir a algo factual-real: “Nenhuma verdade é um fato, isto é, algo determinado no tempo. Uma verdade pode ter como seu significado que algo é, que um estado existe, que uma mudança está ocorrendo”. (Husserl, 1984a. p.87).

A lógica pura é uma teoria que versa não sobre os fenômenos psíquicos, mas sobre as formas possíveis de uma teoria em geral. Uma teoria nada mais é do que uma estrutura sistemática de significados ideais objetivos que se refere a um determinado domínio de objetos (1975, p.30). Neste sentido, a lógica, para Husserl, possui um sentido mais amplo que o atual. Para ele, a lógica pura é uma teoria das teorias, uma ciência das ciências. A lógica buscaria as condições de possibilidade e impossibilidade formais de uma teoria. Por exemplo, toda teoria deve respeitar o do princípio de contradição. A validade deste princípio não decorre da constituição empírica do sujeito, como defendem aqueles que afirmam que o seu fundamento se origina do fato de que a espécie *homo sapiens* evoluiu de tal

forma que seus membros se tornaram incapazes biologicamente de crer em dois juízos contraditórios (1975, p.124). Se a explicação biológica fosse correta, os princípios lógicos, como o de contradição, não seriam necessários, mas apenas leis da natureza, e, portanto, na melhor das hipóteses, prováveis. Contudo, o princípio de contradição é, para Husserl, uma condição necessária, sem a qual uma teoria não seria teoria. Toda consciência (humana ou não) capaz de teorizar e produzir teorias deve reconhecer, na luz da evidência, a sua verdade.

Os princípios lógicos são dados em evidência apodítica. Eles não se sustentam em nenhum tipo de ciência indutiva, como pretendeu fazer empirismo extremo. Eles não dizem respeito a vivências, mas sim a estruturas ideais, como proposições e teorias. Uma proposição, ou seja, o significado expresso por um juízo declarativo, não pode ser reduzido a um item psíquico, na medida em que todo item psíquico (vivência) é, de acordo com Husserl, algo real na consciência, e, portanto, um evento singular, irrepetível e privado. Se os significados das sentenças científicas fossem representações privadas, o seu acesso intersubjetivo seria impossível de ser explicado. Para que uma teoria seja possível, os significados devem ser objetivos, públicos e

intersubjetivamente acessíveis, e não itens subjetivos e privados. Finalmente, em *Prolegômenos*, Husserl argumenta que a negação ou o não reconhecimento de entidades lógico-ideais, como as significações em si, as proposições em si, e as verdades em si (proposições em si verdadeiras), implica o relativismo.

### 3. VÍNCULO ENTRE LÓGICA PURA E A PSICOLOGIA

A concepção da lógica pura, como ciência *a priori* de entidades ideais, em uma primeira aproximação, não possui nenhuma relação com a psicologia. A lógica pura está para a psicologia assim como a matemática está para a psicologia. A relação entre ambos os domínios apenas entra em cena quando examinamos não propriamente a lógica pura, mas a epistemologia da lógica pura.

A peculiaridade das *Investigações lógicas* está no fato de que Husserl entende que a lógica pura não pode se constituir a partir de uma postulação vazia de entidades lógicas ideais. Ela exige uma epistemologia que a fundamente e esta, por sua vez, implica em uma nova concepção de subjetividade, a qual, como veremos mais adiante, é incompatível com a empirista, que era vastamente difundida no final do século XIX. A concepção empírica de subjetividade

e platonismo lógico são mutuamente excludentes. Não é possível defender a lógica pura e, ao mesmo tempo, conceder aos empiristas sua concepção de subjetividade. Por isso, a lógica pura, para ser fundamentada epistemologicamente, exige a refutação de toda forma de psicologia ou de teoria da subjetividade que a inviabilize.

Husserl, em *Investigações lógicas*, opera uma dupla refutação da psicologia empírica. Em primeiro lugar, ele oferece, em *Prolegômenos*, uma refutação argumentativa. O núcleo desta refutação reside no fato de que a negação da lógica pura implica em relativismo e, portanto, em ceticismo. Daí que toda teoria da subjetividade que seja incompatível com a lógica pura deve ser rejeitada: uma teoria do conhecimento cuja decorrência seja a impossibilidade do conhecimento consiste em contrassenso. Em segundo lugar, Husserl oferece uma refutação descritiva do empirismo (PORTA, 2013. p.55). A teoria empírica do conhecimento repousa em uma má descrição da subjetividade. E a melhor forma de mostrar que ela é fruto de uma má descrição da subjetividade é apresentando uma descrição melhor. É neste ponto que a fenomenologia, que, na ocasião de *Investigações lógicas*, era concebida como psicologia descritiva, será necessária. Ela é a ferramenta pela

qual Husserl pretende mostrar que uma explicitação adequada da subjetividade é capaz de fundamentar epistemologicamente a lógica pura. (HUSSERL, 1984a, p. 7).

#### **4. VÍNCULO ENTRE PSICOLOGISMO LÓGICO E O PSICOLOGISMO EPISTEMOLÓGICO**

De forma genérica, podemos dizer que o psicologismo é a redução indevida de um determinado âmbito do conhecimento à psicologia. Ou seja, o termo psicologismo designa a redução de algo que não é psicológico a algo psicológico. Daí que todo psicologismo pressupõe tanto o âmbito que é reduzido quanto uma forma de psicologia a qual esse âmbito é reduzido.

No que concerne ao âmbito, podemos falar não só em “psicologismo lógico” (Husserl, 1962, p.22), mas também em psicologismo moral, psicologismo epistemológico, psicologismo semântico. Tomando como critério o âmbito, podemos dizer que Husserl, em *Investigações lógicas*, não se propõe a refutar todos os tipos possíveis de psicologismo, mas sim apenas dois.

O primeiro é o psicologismo lógico. Este consiste simplesmente na afirmação de que o âmbito da lógica

coincide com o âmbito da psicologia (HUSSERL, E. 1984a, p. 12). Para tal forma de psicologismo, a lógica tem como domínio os conteúdos, processos ou vivências psíquicas. O segundo é um tipo específico de psicologismo epistemológico. A especificidade deste último não se define pelo domínio o qual é reduzido à psicologia, mas sim pela forma de psicologia à qual a epistemologia é reduzida. A redução da epistemologia à psicologia empírica necessariamente implica em psicologismo. Por outro lado, sua redução à psicologia descritiva ou fenomenologia não implicaria em psicologismo. Dada esta circunstância, Husserl não vê nenhum problema, em 1901, em afirmar que:

Uma elucidação suficiente da lógica pura, e, logo, uma elucidação de seus conceitos e teorias essenciais, das suas relações com todas as outras ciências e da maneira como as rege, exige investigações fenomenológicas (i.e., puramente descritivo-psicológicas) e gnosiológicas muito aprofundadas. (HUSSERL, E. 1984a, p. 7)

#### **5. PSICOLOGISMO EPISTEMOLÓGICO E PSICOLOGIA EMPÍRICA**

No que concerne à forma de psicologia na qual a epistemologia é reduzida, o alvo da crítica de Husserl, em *Investigações lógicas*, como já mencionamos, é a psicologia empírica. O termo “psicologia empírica” designa nesta obra não um único projeto de psicologia, defendido por um único autor, mas sim toda forma de psicologia que se ocupa apenas de *atos psíquicos*. Assim, podemos distinguir várias formas de psicologia empírica, como psicologia empírico-causal, psicofísica, psicologia empírico-descritiva. (HUSSERL, E. 1984a, p.5-10). Ainda vale observar que a psicologia empírica pode ser ou não intencional. Brentano, por exemplo, realizava uma “psicologia do ponto de vista empírico”, incluindo nesta psicologia o conceito de intencionalidade.

O problema da maior parte das teorias do conhecimento baseadas na psicologia empírica pressupunham a validade daquilo que podemos denominar “princípio de factualidade”. Tal pressuposto assume que todo dado intuitivo possui natureza factual. Sua consequência imediata é a impossibilidade de acesso às idealidades em geral, e às essências em particular. E, para Husserl, toda forma de psicologia que negue essências ou que inviabilize o acesso

da consciência às essências é inapropriada para a fundamentação epistemológica da lógica pura.

Tendo em vista o que foi dito anteriormente, o combate ao psicologismo epistemológico exige identificar não apenas as formas de psicologia assumidamente psicologistas, ou seja, que se proponham explicitamente a fundamentar a lógica. É preciso também combater toda forma de psicologia que se apoie em princípios que tornem inviável uma epistemologia da lógica pura. Por isso, o combate ao psicologismo exige identificar e examinar os pressupostos que regem os vários projetos de psicologia. Se, levados às últimas consequências, tais pressupostos conduzirem ao psicologismo lógico, eles devem ser refutados.

Nas *Investigações lógicas*, Husserl combate, de fato, dois princípios que inviabilizam a epistemologia da lógica pura, princípios estes que estavam na base de várias correntes de psicologia empírica da sua época. O primeiro, como já observamos, é o princípio da factualidade, de acordo com o qual todo dado é um fato, um fato a ser descrito (HUSSERL, 1962), analisado, explicado a partir de regularidades causais, etc. O segundo princípio é o de imanência (HUSSERL, 1975. p 95), de acordo com o qual a consciência tem acesso

imediatamente apenas aos seus próprios conteúdos psíquicos. Este princípio foi bem expresso por Locke nos *Ensaio sobre o entendimento humano* (1690/1975), onde ele afirma: “O que quer que seja que a mente perceba em si mesma, e qualquer que seja o objeto imediato da percepção, pensamento, entendimento, eu denomino *ideia*” (LOCKE, 1690/1975, p.134). Este conceito de ideia, entendido como conteúdo psíquico, corresponde ao conceito de representação<sup>9</sup>. Uma das

---

<sup>9</sup> O termo inglês “*idea*” foi traduzido para o alemão pela expressão alemã “*Vorstellung*”, termo que geralmente vem traduzido ao português como “representação” (PORTA, 2004). Neste sentido, “*Vorstellung*” designaria uma espécie de objeto intramental, uma cópia do objeto que existe na mente. Há uma dificuldade, relativa à terminologia de *Investigações lógicas*, que deve ser salientada. Nas *Investigações lógicas* Husserl afirma que toda vivência intencional possui uma representação em sua base. Como isso é possível, se Husserl busca explicitamente rechaçar o representacionalismo? A resposta é que Husserl, nesta obra, se vale, até a quinta *Investigação*, da expressão *Vorstellung* para designar não o conceito clássico de “representação”, mas sim a vivência intencional que está na base de todas as demais vivências e cuja melhor tradução seria “*presentação*”. Essa dificuldade

expressões filosóficas desse princípio é o representacionalismo clássico. De acordo com o representacionalismo clássico, se eu vejo uma maçã, eu não vejo a própria maçã, mas apenas a minha representação mental ou ideia da maçã. Assim, a maçã percebida, dada intuitivamente na percepção,

---

terminológica ocorre, em parte, pelo fato de que Husserl, nas *Investigações lógicas*, parte da terminologia brentiana, para, aos poucos, ir se distanciando dela. Portanto, ele não usa o termo “*Vorstellung*” no sentido do representacionalismo clássico ou do idealismo. Husserl está consciente de que o termo em questão possui diferentes significados, dependendo da tradição filosófica. Por isso, a fim de evitar ambiguidades, ele dedica uma seção da obra inteiramente à clarificação da expressão (HUSSERL, pp.520-527). No final da quinta *Investigação* e na sexta *Investigação*, Husserl passa a optar pela expressão “ato objetivante” ao invés de “*presentação*” (*Vorstellung*). Desde então, ele afirmará que toda vivência intencional terá um ato objetivante em sua base. Ao longo deste artigo, para evitar tais dificuldades, irei utilizar a expressão “*presentação*” para traduzir a expressão husserliana “*Vorstellung*”. Para designar o termo em sentido clássico, empregarei a expressão regular “representação”.

existiria apenas na minha mente como conteúdo psíquico, ao passo que a maçã real existiria fora de minha mente. Ainda de acordo com tal doutrina, se eu penso no número três, eu estaria pensando na representação do número 3 e não no próprio número três.

Contra a concepção de subjetividade fundamentada no princípio de imanência, Husserl apresenta uma concepção intencional da consciência. A peculiaridade da teoria da intencionalidade de *Investigações lógicas*, com relação à teoria da intencionalidade que Brentano apresenta em *Psicologia do ponto de vista empírico*, é que o objeto intencional, para o qual a consciência se dirige, é transcendente aos conteúdos psicológicos-descritivos. Do ponto de vista fenomenológico, se eu percebo a maçã, eu percebo a própria maçã, e não uma representação interna da mesma. Tais afirmações se sustentam em uma descrição adequada das vivências. Há uma diferença fenomenológica entre a vivência de perceber uma maçã e a vivência na qual eu tomo consciência de uma maçã através da representação da mesma. No primeiro caso, eu tenho a consciência de um único objeto. No segundo caso, eu tenho a consciência não de um único objeto, mas de dois objetos. Por exemplo, vejo a fotografia da Catedral de Brasília e, através deste objeto,

tenho consciência de um outro objeto, a própria Catedral de Brasília. A representação e a percepção são duas vivências descritivamente distintas.

Contra o princípio de que a consciência possui acesso apenas a fatos, Husserl busca evidenciar descritivamente que a subjetividade também possui acesso intuitivo às essências. Toda intuição factual pode servir de base para uma ideação, pela qual a essência do fato é colhida. Ao ver esta maçã, eu posso intuir as essências da maçã. E o que vale para a percepção externa, também vale para a percepção interna. Ao perceber internamente uma vivência, eu posso colher as essências desta vivência. Isso permite classificar as vivências em tipos essenciais e estabelecer leis necessárias sobre elas. Neste último sentido, a psicologia descritiva de *Investigações lógicas* poderia ser melhor designada de psicologia eidético-intencional. O escopo desta última seria o de explicitar os “caracteres de ato em que se efetuam as operações lógicas de apresentar, de julgar e de conhecer” (HUSSERL, 1984a, p. 7). E o que as análises eidéticas irão mostrar é que a doação à consciência de estruturas lógicas apriorísticas pressupõe a existência de estruturas apriorísticas na consciência. Ou seja, há uma correspondência formal entre as entidades lógicas e as vivências nas quais elas se manifestam,

intuitivamente ou signitivamente.<sup>10</sup> Um exemplo é que um objeto complexo, como um “estado de coisas”, só pode ser intencionado pela consciência em uma intuição categorial ou uma intenção simbólica categorial. A estrutura de partes e todos da vivência categorial (intuitiva ou significativa) corresponde à estrutura de partes e todos do objeto categorial. (HUSSERL, 1975, p.315, 1984b, p.668, p.669).

## 6. O PSICOLOGISMO EPISTEMOLÓGICO CONCERNENTE AOS OBJETOS IDEAIS

Para Husserl, há um vínculo entre facticidade e imanência psíquica. O princípio de imanência afirma que a consciência tem acesso direto apenas a conteúdos psíquicos. Mas o que caracteriza um conteúdo psíquico? Para Husserl, todo conteúdo psíquico, em sentido estrito, é uma ocorrência factual.

---

<sup>10</sup> Um exemplo é que o estado de coisas, que é um objeto complexo, só pode ser dado em uma intuição categorial ou uma intenção simbólica categorial. A estrutura de partes e todos da vivência categorial corresponde à estrutura de partes e todos do objeto categorial. (HUSSERL, 1975, p.315, 1984b, p.668, p.669).

Sob estes últimos termos de vivência e conteúdo, visa a Psicologia moderna às ocorrências reais (Wundt diz com razão: acontecimentos) que, mudando de momento para momento, em múltiplas ligações e interpenetrações, constituem a unidade real de consciência do respectivo indivíduo psíquico. (HUSSERL, 1984a, p. 357; 1901/2012, p.296).

Na medida em que é factual, um conteúdo é um evento singular e irrepitível. Tais conteúdos psíquicos, em *Investigações lógicas*, são denominados psicológicos descritivo ou conteúdos reais (*reell*). Entidades reais, seja da realidade interior (*reell*), seja da realidade exterior (*real*), jamais permanecem idênticas a si próprias ao longo do tempo. Entidades ideais, como as verdades, não sofrem a ação do tempo, permanecendo idênticas a si próprias. “A verdade ela mesma, contudo, está acima do tempo; não faz sentido atribuir-lhe temporalidade, nem dizer que ela nasce e morre” (HUSSERL, 1984a. p.87). O princípio de contradição não envelhece, não tem cor, permanece idêntico a si mesmo. Toda vez que alguém pensa no teorema no princípio de contradição, o mesmo princípio é dado à consciência. Ainda que o princípio possa ser

representado por meio de um signo sensível, de natureza factual, o próprio princípio não é o signo sensível. Feitos tais esclarecimentos, devemos agora alertar que aquilo que havíamos designado de “princípio de imanência” poderia ser melhor precisado como “princípio de imanência psíquica” ou “princípio de imanência real (*reell*)”. Tal precisão deve ser mencionada, pois Husserl, a partir da virada transcendental, irá distinguir diferentes conceitos de imanência e transcendência (BOEHM, 1968).

Em função de sua atemporalidade (HUSSERL, 1984a, p.87), entidades ideais não podem ser parte real do fluxo temporal, psicológico-descritivo, das vivências. Se o princípio de imanência fosse válido, isso significaria que a consciência só teria acesso à conteúdos psicológicos-descritivos, ou seja, conteúdos factuais. Tal posição resultaria na completa impossibilidade de acesso epistêmico às idealidades, e como consequência, na impossibilidade de se fundamentar epistemologicamente a lógica pura. Contra o princípio de imanência real, Husserl propõe um novo modelo de subjetividade, cujo princípio é a intencionalidade. A consciência, na medida em que é intencional, é capaz de transcender seus próprios conteúdos psicológicos-imanentes, apreendendo objetos e

conteúdos transcendentais ao fluxo psíquico das vivências. Uma vivência intencional pode ter como objeto intencional algo que não é uma vivência. Se eu penso no teorema de Pitágoras, no princípio de não-contradição, ou em uma maçã, eu não estou pensando em vivências, mas algo as transcende. Apenas vivências reflexivas tem como objeto uma outra vivência pertencente ao mesmo fluxo psíquico.<sup>11</sup>

## 7. O PSICOLOGISMO DE MILL

Uma das formas de psicologismo epistemológico que Husserl combate mais duramente é o de Mill (HUSSERL, 1975, p.71). Husserl o acusa de reduzir leis lógicas a leis psicológico-empíricas relativas ao modo como a mente funciona (HUSSERL, E. p.72). Em outros termos, Mill busca fundamentar as leis lógicas na psicologia genética ou explicativa. Assim, para Mill, as leis lógicas seriam leis naturais do pensar. Por serem leis empíricas, elas nada

---

<sup>11</sup> Particularmente importante, para essa concepção, foi a leitura da obra de um membro da escola de Brentano, Twardowski (1894), *Zur Lehre vom Inhalt und Gegenstand der Vorstellungen: eine psychologische Untersuchung*. Nesta obra, publicada em 1894, o filósofo distinguia entre conteúdo do ato e o objeto de um ato. O objeto de um ato seria transcendente tanto ao conteúdo quanto ao ato.

mais seriam do que leis indutivas e, portanto, na melhor das hipóteses, leis prováveis. Com isso, o “empirismo extremo” cometeria um grave erro concernente à natureza das leis lógicas, na medida em que não as toma como leis necessárias. Trata-se da consequência de se considerar que as leis lógicas são leis naturais referentes aos fenômenos psíquicos (o processo de pensar). Ao contrário, para Husserl, as leis lógicas referem-se não ao pensar, mas ao conteúdo ideal-objetivo da vivência de pensar (ao juízo em sentido lógico-ideal, à teoria em sentido lógico ideal, ao raciocínio em sentido lógico ideal).

## 8. O PSICOLOGISMO DE BRENTANO E SUA IDEIA DE PSICOGNOSE

De acordo com Brentano, o método filosófico deveria ser o método psicológico. (BRENTANO, p.2). Por volta do fim da década de 1880, Brentano passa a distinguir psicognose (ou psicologia descritiva) e psicologia genética (ou psicologia causal), defendendo que é na primeira que as ciências normativas, como a ética, a estética e a lógica, encontrariam seu fundamento (BRENTANO, 2002). Para Brentano, a psicognose seria capaz de alcançar leis necessárias. A psicologia

descritiva, no caso, valeria como método para a fundamentação epistemológica da lógica como ciência normativa. Tendo isso em mente, então devemos perguntar: se, para Brentano, a lógica é uma ciência normativa, seria correto acusá-lo de ter incorrido em psicologismos lógico?

Husserl sabe que Brentano não procura fundamentar a lógica normativa na psicologia genética, pois esta não visa normas, mas apenas leis indutivas e, portanto, prováveis (BRENTANO, F. 2002, pp. 78, 166). Neste ponto, Brentano e Husserl parecem estar em perfeita sintonia. Para Husserl, também a psicologia descritiva seria o fundamento epistemológico da lógica. A diferença entre Husserl e Brentano se encontra tanto no que cada um entende por lógica e por psicologia descritiva. Essa diferença pode ser detalhada pelas seguintes considerações:

1) Husserl apresenta, nas *Investigações lógicas*, três conceitos de lógica. Ela pode ser entendida como técnica, como ciência normativa, como ciência teórica. Husserl aceita as três concepções, mas estabelece uma hierarquia entre elas. A lógica como ciência teórica fundamentaria a lógica como ciência normativa e esta última fundamentaria a lógica como técnica (1975, pp.22-23).

2) Brentano rejeita a ideia de lógica como ciência teórica, que tem como domínio entidades ideais (HUEMER, 2004). Para Brentano, um juízo é um fenômeno psíquico, o qual seria o portador da verdade. Para Husserl, é proposição ideal o lugar da verdade.

3) A rejeição de entidades ideais, por parte de Brentano, é decorrência do fato de que sua psicologia descritiva só aceitava duas formas de intuição, externa e interna. Ambas apenas oferecem singularidades factuais. Para Brentano, apenas fatos são dados. Conceitos, ao contrário, são produzidos psiquicamente e encontram sua gênese no sujeito epistêmico. Os fenômenos psíquicos colhidos na percepção interna, ainda que sejam dados em evidência adequada, possuem natureza factual. Este é um dos pontos no qual Husserl se distancia de Brentano. Partindo de fatos, não podemos alcançar leis universais e necessárias sobre a subjetividade. Como afirma Boer (1978, p.116): “Quando ciências normativas são fundadas na psicologia descritiva nós podemos falar de psicologismo apenas na medida em que se trata uma fundação inadequada das leis lógicas”.

4) A teoria da intencionalidade de Brentano assume que o objeto é imanente ao ato. Husserl interpreta a tese de imanência brentaniana, como

já comentamos, como imanência real (*reell*). Em virtude disso, torna-se inviável a captação de entidades ideais, uma vez que elas, devido à sua natureza, devem ser transcendentais ao fluxo real (*reell*) de consciência.<sup>12</sup> Em geral, por mais que Brentano busque leis apodíticas pela psicologia descritiva, ele seria incapaz de fundamentá-las, pois estaria preso ao princípio de factualidade.

## 9. O PSICOLOGISMO LÓGICO E O PSICOLOGISMO TRANSCENDENTAL

Nas *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (1950) publicadas em 1913, Husserl defende a tese universal de que a redução da teoria do conhecimento a qualquer forma de psicologia incorre em psicologismo, o qual

---

<sup>12</sup> Se Husserl estava correto em sua crítica ao “objeto imanente” em Brentano, trata-se de outro problema, bastante complexo, pois a crítica fundamenta-se em distinções que Brentano não havia realizado. Husserl considera que Brentano assume que o objeto intencional imanente é parte real (*reell*) de um ato. O problema é que Brentano não faz tal distinção. Para uma análise mais detalhada deste problema, ver PERES (2014).

necessariamente conduz ao contrassenso. Se o diagnóstico de Husserl em *Ideias* é correto, então, devemos considerar que as *Investigações lógicas*, embora não tenham incorrido nem em psicologismo lógico, nem em certos tipos de psicologismo epistemológico, estavam, não obstante, presas a uma forma sutil de psicologismo epistemológico, decorrente da redução da epistemologia à psicologia descritiva (PORTA, 2013). De fato, na edição de 1901 das *Investigações lógicas*, Husserl não tem o menor pudor em escrever que: “Fenomenologia é, no essencial, psicologia descritiva. Como consequência, a crítica do conhecimento é essencialmente psicologia, ou ao menos algo que só no campo da psicologia pode edificar” (HUSSERL, 1984a, p.21, 22). A peculiaridade da psicologia descritiva das *Investigações lógicas* é que ela tem como alvo específico descrever as estruturas essenciais das vivências lógicas (HUSSERL, E. 1984a, p. 23, 26). Uma vez que a fenomenologia de *Investigações lógicas*, em linhas gerais, buscaria uma análise da essência da consciência psíquica, ela poderia ser também designada, como Husserl mais tarde iria fazer, de “psicologia a priori” ou “psicologia eidético-intuitiva” (HUSSERL, 1962, p.35).

A psicologia eidética das *Investigações lógicas*, por mais que operasse com essências e não com fatos, era, ainda assim, uma ciência “contaminada” pela atitude natural. Husserl, na ocasião, não se dá conta dessa contaminação, ainda que ele tenha declarado, nesta mesma obra, a neutralidade metafísica da fenomenologia (1984a, p.6), fundada no “princípio da ausência de pressupostos” (1984a, p.17).

Assim, o problema da existência ou inexistência de uma realidade em si, independente da consciência, não entraria em questão na fenomenologia. A fenomenologia, na medida em que permanecesse uma ciência puramente descritiva, permaneceria calada frente aos problemas metafísicos. O ponto a se observar é que essa neutralidade metafísica possuía na ocasião, um alcance limitado. Ao entender que a fenomenologia era uma forma de psicologia, Husserl se comprometia, sem que percebesse, com os pressupostos metafísicos implicados no conceito de psicologia. Como afirma Boer (1978), podemos dizer que Husserl realiza nas *Investigações* uma *epoché* parcial: a tese de existência em si do mundo é, por razões metodológicas, suspensa, mas a tese da mundanidade da consciência não é abordada.

Após a virada transcendental, cujo início se dá por volta de 1907, Husserl passa a considerar, em *Filosofia como ciência de rigor*, publicada em 1911, que ele havia, nas *Investigações Lógicas*, apenas combatido a naturalização das ideias, mas não a naturalização da consciência. Desde então, Husserl será explícito ao afirmar que a psicologia, qualquer que seja a sua forma, é uma ciência mundana, realizada a partir do pressuposto de que existe uma realidade exterior, subsistente em si e absolutamente independente do sujeito (HUSSERL,1962). Ao partir deste pressuposto, sua validade torna-se restrita a uma determinada região ontológica: a interioridade. A epistemologia, ao contrário, na medida em que é teoria do conhecimento, não pode fixar o seu olhar unilateralmente na interioridade. Ela deve lidar com a correlação essencial entre o objeto do conhecimento e o sujeito cognoscente. A busca pelo interior conduz ao exterior. Conhecer não é copiar o mundo dentro de si, mas é abrir-se ao mundo. A vivência de conhecer, na maior parte dos casos, visa aquilo que é transcendente à consciência. A fenomenologia busca as condições de possibilidade do aparecimento do mundo. E, todo aparecimento, é aparecimento de *algo* para *alguém*.

Para se colocar o problema epistemológico de maneira consequente, é preciso primeiro realizar a *epoché universal*, suspendendo a tese da existência de uma realidade subsistente em si e independente do sujeito. Se a *epoché universal* é efetuada, não só a realidade exterior é posta entre parênteses, mas também a realidade interior. A partir da atitude transcendental, seria um contrassenso considerar o sujeito uma interioridade. O conceito de interioridade pressupõe a validade do conceito de exterioridade. Mas esse último não pode ser dado como ponto de partida. A exterioridade é alcançada pelo exame reflexivo sobre as vivências. Ao refletir encontramos a intencionalidade, que é justamente a estrutura básica da consciência, aquilo que leva a consciência a visar algo que não é ela própria. A fenomenologia não é o estudo de uma interioridade, mas da correlação entre sujeito e objeto, o que, na terminologia apropriada a descrever o transcendental, será a correlação entre *noesis* e *noema*.

Apenas pela *epoché universal* é possível evitar a confusão da consciência psíquica, ou seja, a consciência vista a partir da atitude natural, e a consciência transcendental, cuja apreensão se dá a partir da atitude transcendental-fenomenológica. Nas *Investigações*

*Lógicas*, ao pretender fundamentar a epistemologia na psicologia eidética, Husserl incorria em uma forma de “psicologismo transcendental”. Por “psicologismo transcendental” Husserl entenderá, como ele expressa nas *Conferências de Amsterdam* e nas *Meditações Cartesianas*, toda tentativa de fundamentar a epistemologia na psicologia, qualquer que seja sua forma. O problema da constituição não pode ser resolvido a partir do exame do psíquico. Apenas a redução fenomenológico-transcendental, ao neutralizar a tese de existência de um mundo exterior, independente da consciência, permite o radicalismo necessário sobre o qual é possível formular adequadamente o problema epistemológico.

## 10. O PSICOLOGISMO E O LUGAR DA PSICOLOGIA

Ao contrário do que uma leitura apressada poderia sugerir, Husserl, com a crítica ao psicologismo em *Investigações lógicas*, não rejeita toda forma de psicologia. Basta lembrar, como já explicitamos neste artigo, que a própria fenomenologia era entendida como uma forma de psicologia descritiva. Mas podemos deduzir daí que a única forma de psicologia possível seria uma psicologia descritiva eidética e intencional? É possível uma

psicologia de empírica? A resposta de Husserl é afirmativa. Contudo, a nova psicologia empírica deveria se apoiar na psicologia descritiva. Ou seja, Husserl atribui uma dupla tarefa à psicologia descritiva-eidético-intencional, por um lado ela dá acesso às “(...) ‘fontes’ de onde ‘brotam’ os conceitos fundamentais e as leis ideais da Lógica pura” (1984a, p.7) e por outro lado, ela “serve à preparação da *Psicologia como ciência empírica*” (1984a, p.7). Essa mesma posição é ratificada em 1925, em suas lições sobre *Psicologia fenomenológica*, onde Husserl afirma que as *Investigações Lógicas* eram uma obra não só de teor epistemológico, mas que também forneciam “uma psicologia descritiva e analítica ao interesse da psicologia ela mesma” (1925/1962, p.27) e ainda:

Você agora pode entender porque as *Investigações Lógicas*, este trabalho direcionado para a psique, poderia também ser designado por psicologia descritiva. De fato, o único propósito que elas buscavam e tinham que buscar era o estabelecimento de uma visão interior que desvelasse as vivências de pensar escondidas do sujeito que pensa, e uma descrição essencial pertencente aos dados puros das vivências, movendo-se apenas em uma pura visão interior. Mas por outro lado, a fim de

caracterizar a peculiaridade do método, o nome *fenomenologia* foi escolhido. De fato, um novo método de se abordar o psíquico emergia ali. (1962, p.27)

Mas como entender a relação entre psicologia e a fenomenologia após a virada transcendental? Qual o lugar da psicologia de fatos após a crítica à naturalização da consciência? Ao contrário do que uma leitura apressada poderia sugerir, Husserl, após a virada transcendental, continua não rejeitando toda forma de psicologia de fatos. Em *Filosofia como ciência de rigor*, ele defende que caberia à psicologia empírica investigar a psique integrada à natureza psicofísica. Em particular, o objetivo da psicologia seria investigar as leis que regem o aparecer e o desaparecer das vivências (HUSSERL, 1911/1965, p. 15). A psicologia de fatos é possível, desde que não se apoie nos princípios que já comentamos no começo, ou seja, o princípio de factualidade e o de imanência. Mas como realizar uma psicologia de fatos sem partir de tais princípios?

O primeiro esboço de resposta encontramos em 1911, também em *Filosofia como ciência de rigor*, onde Husserl afirma que "(...) é mister toda a verdadeira teoria do conhecimento ter a base necessária na Fenomenologia, que deste modo

constitui o fundamento comum de toda a Filosofia e Psicologia". (HUSSERL, 1911/1965, p. 45). Husserl, no artigo de *Logos*, argumenta que a nova ciência, a fenomenologia, teria o papel (entre outros tantos) de *fundamentar e clarear os conceitos da psicologia empírica*. Mas seria essa psicologia empírica a mesma que ele criticava nas Investigações lógicas?

Mais uma vez devemos observar que o termo "psicologia empírica", embora o próprio Husserl o empregue com frequência, é perigoso. O termo pode remeter a formas de psicologia realizadas em linha com os empiristas ingleses. Por essa razão, o melhor seria dizer que a "psicologia de fatos" é possível. Afirmar que a psicologia empírica é possível significa apenas afirmar que é possível uma ciência cujo objeto são os fatos psíquicos e não as essências psíquicas. A expressão 'psicologia de fatos' seria mais apropriada com a distinção que Husserl realiza, sobretudo a partir de *Ideias*, entre ciências de fatos e ciências eidéticas ou ciência de essências. Há uma importante relação entre as ciências de fatos e as ciências de essência. Toda ciência de fatos, para que obtenha sucesso, deve ser construída sobre uma base conceitual apropriada. Essa base conceitual seria obtida pela ciência de essências correspondente à região ontológica às

quais os fatos de uma determinada ciência pertencem (1913/1950, p. 23). Neste sentido, a psicologia eidética valeria como uma ontologia regional da “alma” (*Seele*), expressão essa que Husserl utiliza para designar a consciência psíquica em sua dimensão mundana e, portanto, tomada como uma substância entremeada com o corpo próprio (*Leib*). A clarificação dos conceitos por elucidação intuitivo-descritiva precede a realização de experimentos que visam encontrar a correlação entre fatos. Por exemplo, antes de se realizar experimentos para sobre a percepção, seria necessário clarificar conceitualmente, a partir da descrição eidético-reflexiva, o que é a percepção.

Para Husserl, não cabe à fenomenologia a realização da psicologia de fatos, mas sim a tarefa de possibilitá-la, oferecendo-lhe sua base conceitual, pelo exame da doação originária do fenômeno. A clarificação dos conceitos básicos da psicologia de fatos é um empreendimento eidético e não factual. Apenas com uma base adequada uma ciência pode dar frutos. Husserl se propõe, em dois momentos, a realizar, com mais cuidado, a ontologia regional da alma: em *Ideias II* (1952) e em *Lições sobre Psicologia fenomenológica* (1962).

Finalmente, é preciso acrescentar que, para Husserl, até mesmo a psicologia eidética, embora seja uma ciência válida, não é e não pode ser epistemologia. Apenas a filosofia transcendental é epistemologia. Incorrerá em psicologismo epistemológico toda tentativa de fundamentação da epistemologia na psicologia eidética, pois esta última é um empreendimento realizado a partir da atitude natural. Um exemplo deste tipo de psicologista para Husserl é Locke. Este, embora tenha aprendido com Descartes, a procurar “clarificar o que a subjetividade pode e efetivamente realiza”, através de um “autoentendimento puro e sistemático na imanência que se esconde do conhecedor, exclusivamente por meio da ‘experiência interna’ (HUSSERL, 1962, p.248), não soube alcançar a verdadeira subjetividade transcendental. E Husserl segue:

Embora Locke tenha sido guiado por esta grande visão interior, faltou-lhe a pureza fundamental e caiu no erro do psicologismo. Na medida em que a experiência real-objetiva e o conhecimento em geral foram sujeitos ao questionamento transcendental, foi absurdo de sua parte pressupor qualquer tipo de experiência e conhecimento objetivos - como se o

próprio sentido e legitimidade de sua validade objetiva não fossem parte do problema. Uma psicologia não poderia ser a fundação da filosofia transcendental. Mesmo a psicologia pura em sentido fenomenológico, tematicamente delimitada pela redução psicológico-fenomenológica, ainda é e sempre será uma ciência positiva: ela tem o mundo como sua fundação pré-dada. (HUSSERL, 1962, p.248)

É claro, portanto, que a psicologia pura é para Husserl uma ciência mundana e, enquanto tal, é incapaz de servir de base à epistemologia. Mas, uma vez respeitada sua delimitação ontológica, a psicologia eidética, assim como a psicologia empírica que ela propicia, possuem plenos direitos.

### CONCLUSÕES

Husserl defende que há condições subjetivas necessárias para que a consciência seja capaz de produzir conhecimento teórico (HUSSERL, 1975, p. 238). Essas condições epistemológicas não devem ser apenas deduzidas, mas descritas, a partir da reflexão sobre as vivências cognitivas. Esta descrição constitui o núcleo positivo da crítica ao psicologismo. É por meio da descrição dos diferentes tipos de vivências, não em sua singularidade,

mas em sua estrutura essencial e universal, que surge uma concepção de subjetividade adequada à fundamentação da lógica pura. Enquanto a fenomenologia mostra na subjetividade as possibilidades do conhecimento teórico, a lógica pura examina as condições objetivas necessárias para que uma teoria seja uma teoria. A busca é pela relação entre a subjetividade das vivências e a objetividade da lógica. E o que Husserl irá mostrar, em *Investigações lógicas*, é que as leis e os conceitos lógicos, alcançados por intuição eidética, estão essencialmente vinculados às estruturas universais e necessárias da subjetividade (intuição eidética, intuição categorial, vivências significativas). Tais estruturas são reveladas por intuições eidéticas fundadas sobre atos reflexivos.

O fato da lógica possuir leis necessárias implica que a consciência destas leis possua uma estrutura necessária, uma estrutura passível de ser expressa em leis a *priori*. Nas *Investigações Lógicas*, Husserl defende que a origem intuitiva dos conceitos lógicos ocorre a partir de uma abstração eidética realizada sobre certas partes não-independentes da intuição categorial (1984b, p.668, p.669).

Para Husserl, toda teoria que tome como válido o princípio de factualidade e o princípio de imanência psíquica, não será capaz de

fundamentar a lógica como ciência teórica. A abstração não é uma produção, por colagem, de materiais sensíveis, e também não é um extrair partes de um todo pela fixação da atenção em uma delas. Abstrair é alcançar algo que pertence à coisa. Mas esse algo só é alcançado pelo subjetivo, o qual não vê apenas realidades factuais, mas também vê possibilidades e impossibilidades. Faz parte da essência de uma casa a possibilidade de abrigar algo. Uma casa que, a princípio, não pode abrigar nenhum ser vivo, não é uma casa. Captar uma essência é captar as possibilidades e as impossibilidades de um objeto de um determinado tipo.

O empirismo, por estar preso aos princípios de factualidade e de imanência, é incapaz de oferecer uma teoria da abstração satisfatória. E pode ser refutado tanto por meio de argumentação, mostrando que ele conduz ao contrassenso, quanto descritivamente, mostrando que ele decorre de uma má descrição, enviesada por preconceitos infundados. Dentre estes preconceitos, o mais nefasto é o do naturalismo de Galileu, o qual levou Hume a tentar fazer na alma o que Newton fez com a física.

Husserl não combate, em *Investigações lógicas*, todas as formas de psicologismo, na medida em que a

epistemologia é fundamentada na fenomenologia, a qual é, na ocasião, concebida como uma psicologia eidética e intencional. Posteriormente, após a virada transcendental, ele irá distinguir entre fenomenologia pura, realizada a partir da atitude transcendental, psicologia fenomenológica (ou psicologia eidético-intuitiva). Esta última é o fundamento da verdadeira psicologia de fatos.

## REFERÊNCIAS

- BOER, T. *The development of Husserl's thought*. The Hague; Boston: Nijhoff, 1978.
- BRENTANO, F. C. *Über die Zukunft der Philosophie*. Wien, A. Hölder, 1893. 94 Disponível em: <<http://archive.org/details/berdiezukunftder00bren>>. Acesso em: 2012/08/02/15:17:16.
- BRENTANO, F. *Descriptive Psychology*, New York: Routledge, 2002.
- FREGE, G. Review of Dr. E. Husserl's *Philosophy of Arithmetic*. *Mind: New Series*, v. 81, n. 323, p. 321-337, 1972.
- HUEMER, W. Husserl's critique of psychologism and his relation to the Brentano school. In A. Chrudzimski & W. Huemer (Eds.), *Phenomenology and Analysis: Essays on Central European Philosophy* (pp. 199-214): Ontos, 2004.
- HUSSERL, E.. *Philosophie der Arithmetik. Psychologische und logische Untersuchungen*. Halle-Saale: C. E. M. Pfeffer, 1891.

HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Buch 1, Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie*. Den Haag: Nijhoff, 1950.

HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie; Buch 2, Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution*. Den Haag: Nijhoff, 1952.

HUSSERL, E.. *Phänomenologische Psychologie: Vorlesungen Sommersemester 1925*. Haag: Martinus Nijhoff, 1962.

HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen. Bd. 1 Prolegomena zur reinen Logik (Hua 18)*. (E. Holenstein Ed.). Den Haag: Martinus Nijhoff, 1975. (Trabalho original publicado em 1900).

HUSSERL, E.. *Logische Untersuchungen, Zweiter Band, erste Teil Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*. (Hua 19/1) (U. Panzer Ed.). The Hague: Nijhoff, 1984a.

HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen. zweiter Band. zweiter Teil. Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*. (Hua 19/2) The Hague: Nijhoff, 1984b.

HUSSERL, E. *Investigações lógicas. Segundo Volume. Parte I, Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento* (P. M. S. Alves & C. A. Morujão, Trans. Vol. XIX/I). Lisboa: Forense, 2012.

LOCKE, J. *An essay concerning human understanding* (P. H. Nidditch Ed.). Oxford: Clarendon Press, 1975. (Trabalho original publicado em 1690).

PERES, S. P. O problema da transcendência do objeto da percepção e do objeto da física nas *Investigações Lógicas de Husserl*. *Philosophos*, v. 19, n. 1, 2014.

PORTA, M. A. G. A polêmica em torno ao psicologismo de Bolzano a Heidegger. *Síntese-Revista de Filosofia*, v. 31, n. 99, p. 107-131, 2004.

PORTA, M. A. G. *Edmund Husserl: psicologismo, psicologia e fenomenologia* São Paulo: Loyola, 2013.

STEGMÜLLER, W. *Filosofia Contemporânea: introdução crítica*. 2. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

TWARDOWSKI, K. *Zur Lehre vom Inhalt und Gegenstand der Vorstellungen: eine psychologische Untersuchung*. Wien: A. Hölder, 1894.